

O diálogo como metodologia de uma comunidade que se faz educativa

Adriano Vieira*

O presente artigo disserta sobre um dos princípios teórico-metodológicos do Projeto Alfabetização e Comunidade Educativa Riacho Fundo II, da Universidade Católica de Brasília. Trata-se do diálogo. Num primeiro momento, apresenta a concepção dialógica de Paulo Freire. Em seguida, apresenta as atividades do Projeto. Finalmente, apresenta as características e os pressupostos para o diálogo como uma metodologia para a educação.

Como um processo essencialmente dialógico, a conscientização não se realiza senão pela pronúncia da palavra autêntica, isto é, palavra que se faz unidade ação-reflexão (CUNHA FILHO, 2003, p.87).

Com frequência o diálogo vem sendo tematizado em vários campos da vida contemporânea. Ao mesmo tempo, o tema não é novo. Já a referência metodológica nascente da filosofia ocidental – a maiêutica socrática – constitui-se em prática densa da ação dialógica.

As práticas educativas que pretendem pautar-se pela formação integral da pessoa, pelo espírito de cooperação e pelo exercício da democracia participativa, buscam alicerçar-se no diálogo como proposta metodológica. A Universidade Católica de Brasília, por meio de seus programas de extensão, tem apresentado alternativas viáveis de contribuição efetiva com a comunidade através do diálogo. Neste artigo refletiremos a proposta do Projeto de Alfabetização e Comunidade Educativa Riacho Fundo II, ligado à Coordenadoria de Comunidade Educativa da Diretoria de Programas de Extensão na Pró-Reitoria de Extensão. O diálogo é elemento base

da proposta do projeto. Embora estejamos buscando a progressiva efetivação desta metodologia, a reflexão aqui desenvolvida é o reconhecimento do potencial que percebemos nos passos que já foram dados, mas muito caminho ainda temos de percorrer.

Inicialmente, apresentaremos algumas reflexões a partir do pensamento de Paulo Freire, como uma das bases teóricas na qual o projeto em questão se fundamenta. Em seguida relataremos algumas práticas do projeto que apresentam a vivência do diálogo e, por fim, apresentaremos algumas características fundamentais para uma efetiva construção dialógica.

Paulo Freire e o diálogo como pronúncia do mundo

O educador brasileiro Paulo Freire traz à discussão o tema do diálogo com profundidade peculiar de quem pensa uma metodologia como ação mesma do próprio ato de conhecer. Neste sentido o diálogo emerge não só como instrumento metodológico, mas como metodologia epistêmica, no sentido de não se separar método de conteúdo. A metodologia é conhecimento. Apesar de este tema ser uma constante na obra freireana é na Pedagogia

* Bacharel e Licenciado em Filosofia; Mestre em Educação; Professor do Centro de Ciências da Educação e Humanidades da Universidade Católica de Brasília e integrante do Projeto Alfabetização e Comunidade Educativa Riacho Fundo II.

do Oprimido e Pedagogia da Esperança que buscamos compreender a noção de diálogo para Freire. Na Pedagogia do Oprimido porque já possuía, embutida em sua criticidade, a proposta esperançosa que se evidenciou em Pedagogia da Esperança.

Quando fala em diálogo na Pedagogia do Oprimido a idéia dialógica está vinculada a uma compreensão da dialética hegeliana. A concepção hegeliana de dialética é a da bipolaridade oposta: senhor-escravo, patrão-empregado, opressor-oprimido. Nos distintos campos da vida social este tensionamento bipolar ainda continua. No entanto, a compreensão da ação dialógica amplia-se. Retoma a noção original, já utilizada antes de Sócrates e Platão, de atravessamento, aquilo que perpassa, e constitui-se em dado conversativo para a construção do mundo. Não se trata de uma superação, de refutar sistemas, como para Hegel, nem de linearidade, de permanência ascendente, como para o pensamento essencialista. O diálogo, para Freire, é ação de profundo respeito ao outro que, por constituir-se sujeito, diz a sua palavra. Esta noção de diálogo supõe uma compreensão do sujeito e do fazer.

Desde os primeiros contatos com a gramática, enquanto formalização da língua, fomos aprendendo que o verbo é a ação da frase. Se a frase é o dizer de alguém, a palavra, então é ação, é fazer. Fazer do dito e dizer do feito. A reflexão, um certo dizer para si mesmo, também é ação, também é o fazer de quem, pensando, reflete. O fazer expressa também uma certa reflexão, e o feito volta a quem faz como nova reflexão. A

isso Paulo Freire chama de práxis. “A práxis é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (FREIRE, 1987, p. 38). É reflexão e ação intencionalmente transformadora. Segundo Aurélio Buarque de Holanda, palavra e verbo são sinônimos. Palavra é ação, dicção. Aquilo que alguém diz. Neste caso quem age no verbo é o sujeito. O sujeito é o que diz a ação, o que verbaliza. Essa capacidade criadora, materializada na relação estabelecida pelos sujeitos, a que chamamos linguagem, hominiza o ser humano. Fato que só é possível pela relação dos sujeitos entre si que, ao dizerem, se dizem e dizem o mundo.

É por considerar esta palavra-ação dos sujeitos que o Projeto de Alfabetização e Comunidade Educativa no Riacho Fundo II – Distrito Federal – desenvolvido pela Pró-Reitoria de Extensão (Diretoria de Programas de Extensão), vivencia o diálogo como metodologia. Trata-se de considerar efetivamente as distintas e inúmeras experiências¹ que estão implicadas na construção dos sujeitos e da comunidade e em sua forma de perceber e conceber a realidade, expressa no dizer. O dizer sempre o é de uma compreensão da realidade. Enquanto compre-



Núcleo de Formação da UCB: André Carvalho

¹ A experiência aqui entendida é a construção dos significados que os sujeitos e a comunidade foi elaborando a partir de si mesmos, na relações com o mundo e com os outros que se tornaram referências existenciais.

ensão é de quem a possui, do sujeito que compreende. Enquanto a realidade é de uma certa percepção comum que a torna objetiva se esta percepção é legitimada pela comunidade que a diz. Por isso objetiva enquanto dizer de algo. Esse algo é real porque é expressão do espírito, que constrói o real e é por ele construído.

A ação de dizer sobre algo que vai construindo a realidade vai, também, tornando o sujeito autor, construtor, com outros sujeitos, de tal realidade. O dizer do que se constrói constitui-se em discurso da autoria. A realização do discurso e o discurso sobre a realidade constrói a autoridade do sujeito, na relação com outros sujeitos. O diálogo é, portanto, não um simples dizer, mas um dizer de realidades. Um encontro de autoridades já que, cada um, ao dizer seu saber, expressa-se como autor. Nesse sentido, o Projeto de Alfabetização e Comunidade Educativa no Riacho Fundo II se constitui como proposta de construção dialógica em que a comunidade vai se reconhecendo pronunciadora de um discurso que construa uma nova realidade capaz de oferecer alternativas e melhoria da qualidade de vida.

As diferentes experiências trazidas pelos sujeitos, seus distintos saberes, suas várias percepções e concepções de realidade e mundo, produzem uma escuta divergente e fecunda. Neste sentido é problematizadora. Se, em determinado momento, numa discussão, parece haver um atritamento de propostas, de idéias ou conceitos, um atritamento que, em certo momento produz uma espécie de paralisação dos sujeitos, este é um dos sinais da necessidade de fecundar o dizer de cada um com o dizer do outro. Este exercício é vivido nas reuniões do Grupo Gestor² que realiza reuniões periódicas na comunidade a fim de apresentar projetos, discuti-los, problematizá-los, elaborá-los e executá-los. Nestes encontros exercita-se o reconhecimento e respeito das autorias, a socialização dos saberes, a assunção pelo grupo da proposta daí nascida e que vai tornar-se realidade. E todo dizer sobre

algo, nesta perspectiva, é dizer de autorias. Aí reside, na perspectiva dialógica não mais antagônica, a riqueza da construção coletiva da realidade e do discurso. Todos os participantes são sujeitos, autores e têm o que dizer. Cada um é diferente, é outro, e esta diferença não significa, necessariamente, oposição. Significa outro autor, possuidor de outros elementos que não só os meus. O diálogo só existe na diferença do pensar construído e partilhado no respeito, na escuta e no acolhimento. A divergência faz parte desse processo. Essa compreensão dialética não nega o conflito. Ao contrário, o inclui como processo metodológico. O cotidiano do projeto em questão é vivenciado no diálogo que:

supõe e impõe um esforço e o desejo de completa reciprocidade. A reciprocidade existencial pressupõe a semelhança e a diferença, dado que só o que é em parte igual e em parte diferente com a mútua relação³ (DUARTE; 1989, p. 1404-1405).

É, ao mesmo tempo, condicional e condição da reciprocidade. Condicional no sentido de realizar-se a partir da participação dos sujeitos envolvidos no diálogo. Condição porque, na medida em que vai sendo fruto da reciprocidade, vai gerando mais reciprocidade. Daí que as atividades propostas e realizadas pelo Grupo Gestor não se encerram em si mesmas, mas ampliam-se como palavra da comunidade para ser apropriada e re-dita, de outra forma, pela própria comunidade.

As atividades potencializadoras do diálogo⁴

A partir do que já apontamos, entendemos que a presença da Universidade Católica de Brasília, por meio dos docentes, funcionários, estagiários e voluntários do projeto, constitui-se em dizeres participantes com os outros dizeres da comunidade. O objetivo desta participação é

² Equipe formada por membros da comunidade do Riacho Fundo II e da Universidade Católica de Brasília. Este grupo tem a missão de dinamizar, propor, executar, refletir, sistematizar todo o projeto em questão.

³ A idéia de relação conduz à compreensão de diálogo como sendo o entrelaçamento das palavras, não como fixidez da definição, mas como comunhão de ações porque ditas, pronunciadas pelo autor. Por isso a reciprocidade é completa na palavra, no verbo.

⁴ Contribuíram para este item a Professora Elizabeth Aiko Oda e a equipe do Projeto Alfabetização e Comunidade Educativa Riacho Fundo II.

promover a educação na comunidade do Riacho Fundo II, orientando-a para que se afirme como um lugar onde todos são chamados a produzir seu saber a partir de suas atividades concretas e a socializarem o saber produzido, assumindo-o como ferramenta fundamental na luta pela melhoria da qualidade de vida para todos (PLANO DE AÇÃO 2004).

Quando vamos compreendendo reciprocamente os saberes recíprocos, vamos construindo a realidade e o mundo, refazendo-o, melhorando a qualidade da vida. Quando os interesses se encontram, num primeiro momento atritantes, e conseguimos construir falas que manifestam a consciência da mudança, estamos exercitando esse dialogo, a construção do novo que não anula as construções anteriores, mas também não as repete. É totalmente nova, carregada de sua anterioridade. Daí que a efetiva promoção da educação se torna possível quando a comunidade é educativa.

A comunidade educativa é um processo pedagógico através do qual os sujeitos se engajam para identificar, criar e fazer uso de oportunidades de aprendizagem, objetivando a aplicação do conhecimento resultante na formulação e implementação de iniciativas sustentáveis de desenvolvimento. O ponto de partida é a alfabetização de adultos (PLANO DE AÇÃO 2004).

Ao mesmo tempo que a comunidade do Riacho Fundo II implementa esse processo, o projeto proporciona uma articulação com cursos da graduação - Letras, Matemática, Pedagogia e Comunicação Social. Em Letras e Matemática, a partir da promoção do desenvolvimento dos tainás⁵, tanto em relação aos conteúdos específicos de cada área como à prática de ensino. Em Comunicação Social, com a produção de vídeo comunitário e documentação fotográfica, visando à mobilização social, ao auto-conhecimento e à preservação da memória. Na Pedagogia, a articulação se dá com as turmas de Educação de Jovens e Adultos, possibilitando discussão sobre a proposta metodológica "Prática pedagógica na perspectiva histórica", adotada nas turmas de alfabetização do projeto. Expressa-se assim, o entendimento de

que o compromisso social da Universidade se efetiva como pronúncia de seus saberes no diálogo com os saberes da comunidade.

O projeto tem também auxiliado no desenvolvimento de pesquisas na área de formação de alfabetizadores, pois possibilita a observação, o registro, a análise, a avaliação e a reconstrução da prática dos educadores nas turmas, bem como a produção de material pedagógico e a elaboração e sistematização do conhecimento aí construído.

O diálogo é exercido também pelas parcerias internas à Universidade e externas. São parceiros do Projeto de Alfabetização e Comunidade Educativa o Projeto Tainá, com estudantes atuando em todas as etapas de desenvolvimento do Projeto em conjunto com a equipe responsável; o Centro de Rádio e Televisão (CRTV), na produção de vídeos educativos, documentação das principais etapas do projeto (acervo, memória), programa específico de formação dos Tainás ligados à área de vídeo; setor de Audiovisual, material para exibição de filmes; Cinema BR em Movimento/ Circuito Comunitário (Projeto da Petrobrás), na realização de sessões de cinema nacional na comunidade; Administração Regional do Riacho Fundo II, com apoio na divulgação das atividades do Projeto; Rádio comunitária local, com apoio na divulgação das atividades do Projeto; Igreja Nossa Senhora da Medalha Milagrosa, na concessão de espaço físico para realização de reuniões e exibição de cinema comunitário; Creche N. Sra. do Perpétuo Socorro, pelo empréstimo de salas para realização de reuniões; Escola de Educação Infantil Vitória Régia, com apoio na divulgação das atividades do Projeto e espaço físico para realização de reuniões; Curso de Comunicação Social, apoiando a divulgação das atividades do Projeto; Centro de Ensino Fundamental 01 e Escola Classe 01, que cedem suas salas de aula para as aulas de alfabetização de jovens e adultos.

É também pelo diálogo que se torna possível o reconhecimento dos avanços que a comunidade realiza neste processo. Bem como as dificuldades que enfrenta

⁵ Alunos integrantes do Projeto Tainá da Diretoria de Programas Comunitários (PROEx-UCB) que têm por objetivo proporcionar formação integral do aluno de graduação dentro de sua área de interesse acadêmico.

e as alternativas possíveis para superá-las. O despertar de várias lideranças locais, a melhoria da auto-estima da própria comunidade e maior estímulo para busca da qualidade de vida são sinais expressivos da eficácia de um projeto que se pauta pelo diálogo permanente. Decorre daí, também, um maior envolvimento dos integrantes do Grupo Gestor na comunidade, aumento da consciência crítica da sua situação, “conscientização da importância do projeto e de quem busca meios para se conscientizar”. Atualmente há uma identificação como grupo, que ressalta “o convívio, a troca de idéias, os laços de amizade e a criação de projetos com a possibilidade de tornar-se real”. Diz um componente do grupo: “mostra que somos capazes de articular e criar um projeto”. E quem projeta, pensa também no futuro, e pensar no futuro da cidade é pensar também em outras gerações de pessoas que viverão nesta localidade, buscando gerar na comunidade, mediante suas experiências, formas de ser uma comunidade sustentável.

Características e pressupostos do diálogo

Paulo Freire, em suas obras *Pedagogia do Oprimido* e *Pedagogia da Esperança*, oferece uma reflexão sobre o diálogo da qual queremos partir para apresentar nossa compreensão dessa prática relacional que se constitui em metodologia de uma comunidade educativa que se pretende autora de seu mundo. Para Freire a dialogicidade se constitui essência da educação como prática da liberdade.

No processo educativo a relação é tanto mais humanizadora quanto mais este processo se constitui em espaço de autorias. Quando o sujeito, de fato, pode exercer sua existência como sujeito. Na medida em que o sujeito vai constituindo-se como tal, vai vivenciando sua liberdade. Daí decorre a necessidade de o Grupo Gestor buscar, como educadores e aprendizes, esse espaço de sujeitificação na ação dialógica.

A perspectiva freireana de diálogo encaminha para uma compreensão de manifestação do sujeito pronunciador, autor. Manifestação como postura de exercício do poder que, por ser autor, cada qual possui. Dizer a sua palavra no espaço dialógico é exercitar este poder de modo recíproco. O que vai delineando um caminho

de compreensão, aceitação e dizer comum de algo é a autoridade que o sujeito e a comunidade manifestam pela autoria do seu fazer.

O diálogo, por constituir-se nesse caminho em que os seres humanos se humanizam, por ter o humano como referência e objetivo, passa a ser mais do que um simples trocar de opiniões, o diálogo, assim entendido, é “*exigência existencial*” (Freire, 1987, p. 79).

No processo dialógico é preciso supor, ao mesmo tempo, uma certa consciência do sujeito pronunciante e a construção de outros graus dessa consciência na intersubjetividade. Para que o sujeito empreenda a pronúncia de seu pensar é preciso que ele se assuma como autor, como quem tem algo a dizer. Nesse sentido o saber-se capaz de dizer impulsiona a pronúncia. A relação estabelecida com o interlocutor precisa dinamizar e incitar a maior consciência de ambos, no sentido de perceberem-se pronunciadores. O processo dialógico assim encaminhado conduz a consciência na intersubjetividade. Cada pronunciante vai percebendo-se participante de pronúncias que, em certos aspectos do entendimento, são comuns. Isso não quer dizer que o diálogo tenha que ter um consenso conceitual e de opiniões para ser válido como construtor da consciência. Trata-se, isso sim, de promover o saber-se capaz de, na intersubjetividade, criar o mundo. Por isso “*a conquista implícita no diálogo é a do mundo pelos sujeitos dialógicos, não a de um pelo outro*” (FREIRE, 1987, p. 79).

Paulo Freire apresenta alguns pressupostos para que o diálogo seja, de fato, esse exercício humanizador que propicia o reconhecimento dos sujeitos como autores, libertando-os das amarras que os impede de criar o mundo. Para ele o diálogo só acontece se estiver fundado no amor, na humildade, na fé, na esperança e no pensar.

Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo. (...) Porque é um ato de coragem, nunca de medo, o amor é compromisso com os homens (FREIRE, 1987, p. 80).

Definindo o amor como diálogo o autor reitera o caráter profundamente intrínseco dessa ação ao ser humano. Também atribui ao amor uma função ativa, amor, sendo também diálogo, é ação. Por ser o diálogo a ação de autores, o gesto de dizer e ouvir é gesto amoroso,

por isso de coragem, por ser o manifestar-se de quem diz e de quem, dizendo de outro modo, escuta.

Não há, por outro lado, diálogo, se não há humildade. A pronúncia do mundo, com que os homens o recriam permanentemente, não pode ser um ato arrogante (FREIRE, 1987, p. 80).

O diálogo se constitui em espaço humanizador na medida em que se estabelece esta atitude de humildade como expressão de profundo respeito entre os sujeitos. Cria-se assim um espaço de saber porque em vez de ter impositores de verdades “há homens que, em comunhão, buscam saber mais” (FREIRE, 1987, p. 81). Daí que a presença universitária no meio popular em que se constitui a cidade do Riacho Fundo II se faz aprendizagem também para a Universidade.

A atitude de respeito, manifestada na escuta, expressa a validade que quem escuta atribui a quem fala. Se isso ocorre é sinal de que quem fala, fala de sua

autoridade. Esse é um sinal de fé. Para Freire “não há também diálogo, se não há uma intensa fé nos homens” (FREIRE, 1987, p. 81).

Outra condição ao diálogo, e que possui uma importância central, é a esperança. Freire atribui a esta dimensão humana um caráter de consciência da incompletude. A esperança é o indicativo de que o ser humano está sempre em formação, nunca está acabado. Na ação dialógica isso é pressuposto essencial. É a abertura para que, na conversa com o outro, eu me reconheça incompleto, necessitado do exercício dialógico para, em construindo o conhecimento, construir-me e construir o mundo. Segundo Paulo Freire: “*Não existe, tampouco, diálogo sem esperança. A esperança está na própria essência da imperfeição dos homens, levando-os a uma eterna busca*” (FREIRE, 1987, p. 82).

Ainda apresenta como dimensão importante do



Núcleo de Fotografia da UCB: André Cavallho

diálogo o pensamento: “*Não há diálogo verdadeiro se não há nos seus sujeitos um pensar verdadeiro*” (FREIRE, 1987, p. 82). O pensar verdadeiro, para Freire, é o pensar crítico. No sentido de não simplesmente receber o já pensado como dado, mas, consciente de sua autonomia, o sujeito problematiza o pensado. Não se trata de um problematizar como ação rebelde pela própria rebeldia, senão de assumir-se como construtor de uma realidade que não está pronta, acabada, mas que precisa ser sempre renovada. Daí que uma fala como a do Sr. Nicodemos, dizendo: “*quando a gente pensa no projeto vê que a coisa é grande. Dá até vontade de a gente não querer*” ganha a importância de um objeto de discussão. Sua expressão não é pura fala, algo vazio, mas uma elaboração que foi compondo a partir daquilo que sua vida foi forjando como saber e hoje é partilhado como pensamento, manifestando a necessidade de manter acesa a esperança a fim de que o projeto possa ser concretizado..

Para Paulo Freire a questão do diálogo é elemento central do processo de libertação e construção dos sujeitos. Os espaços de expressividade, de fala e de escuta, são os que possibilitam a construção do conhecimento, a problematização, a consciência e a criação da cultura e do mundo. Existe um papel ativo, uma responsabilidade, de quem pertence a comunidade em recriá-la.

Falar do dito não é apenas redizer o dito mas reviver o vivido que gerou o dizer que agora, no tempo do redizer, de novo se diz. Redizer, falar do dito, por isso envolve ouvir novamente o dito pelo outro sobre ou por causa do nosso dizer (FREIRE, 1992, p. 17).

A expressão de uma experiência vivida pelo sujeito que a diz é carregada de envolvimento, tramas de tal modo significativas que o dizer de novo essa experiência, com outras vivências que acumulam o espaço entre o vivido e o relatado, se torna um novo vivido. A prática do diálogo, mais do que troca de relatos, passa a ser, desse modo, um compartilhar de vivências que, sendo entre viventes, torna-se nova vivência, torna-se vida e passa a fazer parte da história.

Esse exercício da escuta constitui-se em construção da consciência na medida em que implica a abertura da

possibilidade do pensamento de quem escuta ser mexido, questionado, problematizado por quem fala. Daí as dificuldades que, em várias circunstâncias, são postas para a vivência do verdadeiro diálogo, já que isso implica na mudança que, sendo existencial, é mudança do sujeito e da realidade, nem todos, estão dispostos a mudar nas proporções que certos diálogos exigem.

Na ação educativa o exercício do diálogo precisa ser vivido pelos sujeitos como escuta do mundo do outro. Não se trata de uma escuta no sentido informativo somente, para saber coisas. Trata-se de uma presentificação do mundo do outro no meu mundo. E isso exige abertura dos sujeitos participantes do diálogo. Trata-se de um certo confronto de realidades onde quem escuta, ao escutar o outro também se escuta, se pergunta sobre seu papel e responsabilidade nesta relação comunicativa que constrói o mundo. Daí o diálogo passa a ser existencial e, por isso, transformador e criador.

Tal atitude encaminha para uma compreensão do mundo “*que, condicionada pela realidade concreta que em parte a explica, pode começar a mudar através da mudança do concreto*” (FREIRE, 1992, p. 27). Os mundos – dos sujeitos envolvidos no processo – se acercam de tal modo, pelo diálogo, que o agir de cada um, ou do grupo, passa a ser ação comum, criando um mundo comum, na medida em que se compreendem intersujeitos dessa realidade compreendida.

O diálogo se faz ação esperançosa na medida em que desencadeia a práxis do dizer criador, como essa mudança concreta da realidade em que vivem os que se embrenham na ação dialógica. Assume, portanto, uma ação política. Isso implica não só a consciência de incompletude dos sujeitos, mas também do mundo, da sociedade. A educação, sendo ação da comunidade, produtora da cultura, na ação educativa se faz ação dialógica de toda a comunidade que, dialogando, vai transformando-se.

Na ação educativa fundada no diálogo “*ensinar e aprender são assim momentos de um processo maior – o de conhecer, que implica re-conhecer*” (FREIRE, 1992 p. 47). A noção de conhecimento vincula-se à consciência das realidades nas quais os sujeitos estão envolvidos. Há um significado na relação estabelecida

com o mundo porque a presentificação de algo não é um simples dado, mas uma certa reapresentação do mundo do sujeito ou de certos aspectos dele.

Ensinar a aprender só é válido, desse ponto de vista, repita-se, quando os educandos aprendem a aprender, ao aprender a razão de ser do objeto ou do conteúdo (FREIRE, 1992, p. 81).

Nessa perspectiva, o diálogo tem um caráter comunicativo, no sentido de tornar comum aquilo que se diz enquanto construção, criação, autoria do sujeito. É um encontro-confronto de mundos, de significados. No significado do dito e daquilo que ainda está por dizer está a razão de ser do objeto ou do conteúdo. Para Freire este é um exercício da intersubjetividade. Não se trata apenas de ato isolado de passar informação. Trata-se de estabelecer uma relação que, na própria ação, torne significativa a compreensão.

A ação educativa vivida na dialogicidade, por constituir-se em ato criador, envolve a totalidade da pessoa. Para ser dialogada a relação necessita de um mínimo de envolvimento afetivo, estabelece-se o contato com a potencialidade que permite o mútuo acolhimento. O conteúdo em torno do qual se discute, se conversa, mexe com as compreensões que o participante tem de tal elemento tratado, trabalha-se com a potencialidade intelectual. A possibilidade de o outro dizer sua palavra, o respeito pela possibilidade de cada qual criar seu pensamento liberta e atualiza a vontade, a possibilidade de poder que está em cada ser humano. Nesse sentido, a ação educativa dialogada é integradora do sujeito como ser inteiro.

O ato de conhecer, de qualquer maneira, é tarefa difícil, lida com um movimento de retirar para fora algo que vai sendo elaborado. Isto, em certo sentido é doloroso. No entanto o conhecer, como ato criador, presença inteira do sujeito, produz alegria. *“É preciso, pois, que os educandos descubram e sintam a alegria nele embutida, que dela faz parte e que está sempre disposta a tomar todos quantos a ele se entreguem”* (FREIRE, 1992, p. 83). A alegria do conhecer é existencial, lida com o sujeito em sua profunda vocação ontológica de, em conhecer, fazer o mundo que o circunda. É exercício de poder, de responsabilidade pelo mundo. Na Comu-

nidade Educativa do Riacho Fundo II esta vivência é otimizada na manifestação de lideranças que, num primeiro momento, aparecem como sujeitos tímidos, desconfiados, calados e, no decorrer do processo vão se manifestando na consciência de acolhida e no ato de acolher.

Conclusão

A dimensão criadora do conhecimento torna reconhecida a esperança que se manifesta na capacidade de sonhar e construir seus sonhos. O sonho é ação projetiva do sujeito no mundo. É o fazer da consciência de inacababilidade. Ao contrário da onipotência, que entende o mundo acabado e disponível para ser usufruído, que é a atitude burguesa, a esperança e o sonho são sinais do reconhecimento da constante necessidade de completude, de transformação, de mudança. E é por isso que “não há mudança sem sonho como não há sonho sem esperança (FREIRE, 1992, p. 91). Daí decorre que é a esperança que institui e restitui a consciência da possibilidade, de alternativas para se construir uma comunidade melhor, mais bonita, mais humanizadora, mais amorosa.

A compreensão da história como possibilidade e não determinismo, (...) seria ininteligível sem o sonho, assim como a concepção determinista se sente incompatível com ele e, por isso, o nega (FREIRE, 1992, p. 92).

O sonho nutre a consciência de pertencer ao mundo. Acende e alimenta a responsabilidade por ele. O sujeito, a comunidade, que sonha implica-se com o momento histórico. Implica-se com a construção do presente para um futuro melhor. Em vista disso, o pensamento determinista, acabado e finalista, teme a força embutida na capacidade de sonhar. O sonho potencializa o ser humano, torna-o fazedor. É nesta perspectiva que Freire afirma:

Não posso entender os homens e as mulheres, a não ser mais do que simplesmente vivendo, histórica, cultural e socialmente existindo, como seres fazedores de seu “caminho” que, ao fazê-lo, se expõem ou se entregam ao “caminho” que estão fazendo e que assim os refaz também (FREIRE, 1992 p. 97).

A existência está vinculada e significada no fazer. O fazer não tem aqui um caráter utilitarista ou ativista das compreensões do pensamento liberal capitalista. Trata-se da expressão, da participação do sujeito na construção do mundo. O autor considera este fazer como ação integrada entre mundo e sujeito. Por isso um fazer na perspectiva existencial não se constitui em simples produção de algo, como se faz na concepção industrial de seriação. Trata-se de autoria, de pôr-se naquilo que faz no presente e que, por ser obra do sujeito-autor, ou comunidade-autora, torna-se possibilidade para outros fazeres no futuro. Daí que, “na percepção dialética, o futuro com que sonhamos não é inexorável. Temos de fazê-lo, de produzi-lo, ou não virá da forma como mais ou menos queremos” (FREIRE, 1992 p. 102). A consciência, produto do diálogo, por ser verdadeira consciência gera a mudança, a transformação, a criação do mundo, através do sonho que gera a mudança e a reconstrução da comunidade.

É deste modo que o Projeto Alfabetização e Comunidade Educativa no Riacho Fundo II vai tornando-se instrumento de transformação, oportunizando a consciência dos sujeitos e da comunidade pela melhoria de sua qualidade de vida e do reconhecimento da própria comunidade como autora destas transformações pelo diálogo permanente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUER, Martin W. e GASKELL, George (ed.). **Pesquisa qualitativa com texto imagem e som: um manual prático.** Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BRASIL - **Parâmetros curriculares.** Secretaria da Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL - **Proposta curricular. 1º segmento:** educação para jovens e adultos. Ensino Fundamental. São Paulo: MEC, 1999.
- CUNHA F., José Leão. **Alfabetização e comunidade educativa.** Digitado. Brasília, 2001.
- _____. **A Palavra Geradora:** uma aproximação entre Freire e Piaget. Brasília: Universa, 2003.
- DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa.** Campinas-SP: Autores Associados, 1996.
- FELDMAN-BIANCO, Bela e MOREIRA LEITE, Míriam L. (orgs.). **Desafios da imagem.** Campinas: Papirus, 1998.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 27 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- _____. **Pedagogia da Esperança:** um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- _____. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- KLEIN, Lígia R. **Alfabetização:** quem tem medo de ensinar? São Paulo: Cortez, 1996.
- KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica.** São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.
- LEMLE, Miriam. **Guia teórico do alfabetizador.** São Paulo: Ática, 1983.
- MONTORO, Tânia Siqueira (org.). **Comunicação, cultura, cidadania e mobilização social.** Série Mobilização Social, v. 2. Brasília/Salvador: UnB, 1997.
- MOYSÉS, Lúcia. **Aplicação de Vygotsky à educação Matemática.** São Paulo: Papirus, 1997.
- SANTOS, Maria Auxiliadora Antunes dos. **Matemática para a formação do alfabetizador.** Brasília-DF: Universa, 2003.
- UCB/PROEx/DPE/CCE/Projeto Alfabetização e Comunidade Educativa Riacho Fundo II. **Plano de Ação 2004.** Digitado. Brasília: 2004.